

## **Os procedimentos, a experiência e a crítica das práticas em livros de repórter**

### **The procedures, experience and critique of practices reporter books**

Luciane Volpatto Rodrigues, lucianevr@yahoo.com.br

Cleusa Maria Jung, jung\_cleusa@hotmail.com

Taiz Gizele Richter, taiz\_richter@hotmail.com

Larissa Bortoluzzi Rigo, lary\_rigo@yahoo.com.br

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

Submetido em 10/05/2016

Revisado em 20/07/2016

Aprovado em 10/08/2016

**Resumo:** O artigo aborda os estudos dos “livros de repórter” (MAROCCO, 2011), *Viagem à Palestina* (2013), de Adriana Mabília, *Entre árabes e judeus* (1991) e *Palestinos, os novos judeus* (1977) de Helena Salem, e *Palestina: uma nação ocupada* (2011), de Joe Sacco. A pesquisa se divide em três perspectivas: os procedimentos jornalísticos, a crítica das fontes jornalísticas e a autocritica das repórteres ao falarem do próprio fazer; Assim, observamos que há uma possibilidade de construir uma forma diferenciada do narrar.

**Palavras chave:** Conflito israel-palestino; livros de repórter; crítica das práticas; procedimento e experiência.

**Abstract:** The article deals with the study of “reporter books” (MAROCCO, 2011), *Travel to Palestine*, Adriana Mabília (2013), *Between Arabs and Jews* (1991), and *Palestin: the new Jews* (1977), Helena Salem, and *Palestine: an occupied nation* (2011), Joe Sacco. The research is divided into three perspectives: analyses the procedures and journalistic practices in the production of “book-report”; Refers to criticism of the news sources and comes to self-criticism of the reporters to speak to the own making building approaches around the experience in the process of narrating. We note with these reflections that there is an understanding of the sense of disputes in the text and then a chance to rediscover the potential of the story, building thus a different way of narrating.

**Keywords:** Israel-Palestinian conflict; Reporter books; Critics of the practice; Procedure and experience.

## Considerações iniciais

Segundo Carvalho (2014), a comunicação pode ser um “mapa” da realidade em mutação. A partir dessa perspectiva e com base em livros dos jornalistas Adriana Mabilia (2013), Helena Salem (1991; 1977) e Joe Sacco (2000) temos como objetivo apresentar um exercício reflexivo em três eixos principais: a) procedimentos e práticas jornalísticas; b) crítica à prática e, c) aproximação entre experiência e narrativa.

Consideramos nesses percursos “livros de repórter” (MARROCO, 2011), já que entendemos os livros como espaços de reflexão sobre a práxis jornalística, isso porque, os relatos de experiência dos repórteres e a elaboração da crítica, ficam centradas em uma abordagem que vai além da apuração e escrita. Os livros estudados foram: *Viagem à Palestina: prisão a céu aberto*, de Adriana Mabilia (2013), dois livros de Helena Salem: *Entre Árabes e Judeus* (1991) e *Palestinos, os novos judeus* (1977) e *Palestina: uma nação ocupada*, de Joe Sacco (2000), todos esses cujas abordagens estão relacionadas à Palestina.

Observando a inserção dessa temática, o artigo está estruturado em áreas de interesse do jornalismo: os procedimentos, a crítica e a experiência jornalística. No que tange aos procedimentos, observamos como estes são descritos nos livros, entendendo o meio como um lugar diferente de narrar - daquele do jornalismo diário. Para esse tópico, utilizamos as obras de Mabilia, Salem e Sacco. Na crítica à cobertura internacional, especialmente de conflitos, tratamos àquela trazida pelas fontes, que chega à autocritica esboçada pelas repórteres ao falarem sobre seu próprio fazer. E por fim, para explanar de jornalismo e de reportagem, num exercício de sondagem das práticas jornalísticas, examinamos os rastros da experiência materializada na escrita de ambas as autoras. Tanto na crítica à prática jornalística quanto na experiência narrativa, enfatizamos os livros de Mabilia e Salem.

Helena Salem (1948-1999), graduou-se em Ciências Sociais e fez pós-graduação em Política Internacional na Itália. A autora se especializou em Oriente Médio e foi conhecer a realidade dos países que sobre os quais estudava e escrevia. *Palestina, os novos judeus* fala sobre a cobertura do conflito e, especialmente, dos palestinos. Adriana Mabilia (1969) é especialista em Oriente

Médio, trabalhou no telejornalismo e em revistas. A obra *Viagem à Palestina* resulta de um interesse pessoal em ouvir as mulheres palestinas, fontes silenciadas na cobertura do conflito. Assim também, Joe Sacco (2000) teve experiências em conflitos do Oriente Médio e na cobertura nessas áreas, o que levou o jornalista a escrever *Palestina: uma nação ocupada* de histórias em quadrinhos, para mostrar o ponto de vista dos palestinos sobre o conflito.

### **Procedimentos Metodológicos**

O texto aqui apresentado é resultado de discussões no *Resto – Laboratório de Práticas Jornalísticas* (CNPq/UFSM),<sup>1</sup> realizado por pesquisadores docentes e discentes, no estudo de livros escritos por jornalistas. O Grupo trabalha com encontros periódicos para discussão de textos, debates de questões pertinentes aos temas de interesse e socialização dos resultados das investigações. As narrativas aqui apresentadas são fruto de estudos em torno de questões do Oriente Médio, em especial acerca do conflito entre Israel e Palestina.

O grupo surgiu na UFSM em 2014 e atualmente, possui três linhas de pesquisa: “Práticas Jornalísticas”, “Estudos de gênero e práticas de comunicação” e “Jornalismo, contemporaneidade e reconhecimento”. De acordo com o site do *Resto*, o projeto “congrega estudos que fazem a travessia entre o reconhecimento e a escrita do espaço, do tempo e do outro”. Segundo o vice-líder do Grupo de Pesquisa, os encontros e demais atividades são pensados como momentos de estudo, e que possam resultar no entendimento de processos da pesquisa em comunicação e jornalismo. “Os projetos registrados a partir do Resto sempre buscam oferecer um ambiente de vivência da pesquisa científica, de reflexão e de conhecimento da literatura e autores do campo de interesse” (SCHWAAB, 2016, s/p).

De acordo com as perspectivas que norteiam os encontros e reflexões do Grupo de Pesquisa, foram feitos estudos acerca de textos que serviriam posteriormente, para a fundamentação dos artigos produzidos. Nesse sentido, com uma maior bagagem de temáticas importantes na reflexão sobre os objetos

---

<sup>1</sup> Ver <http://www.resto.jor.br>.

de estudos, o grupo foi dividido e deu origem a grupos menores, cada qual seguindo uma perspectiva de estudo<sup>2</sup> de acordo com as afinidades de cada pesquisador. Os estudos resultaram em três artigos que seguiram três perspectivas: os procedimentos, a experiência e a crítica das práticas dos jornalistas. Esses trabalhos foram apresentados no congresso regional Sul da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM) em junho de 2015. Em outubro do mesmo ano, retrabalhamos os resultados das pesquisas em novo trabalho para a Jornada Acadêmica Integrada (JAI) da UFSM, trabalho premiado entre os 40 melhores da Jornada e que é sintetizado no presente texto.

Dessa forma, realizamos uma aproximação entre as três perspectivas de estudo citadas, a fim de compreender a experiência jornalística, por meio dos procedimentos utilizados por Mabilia (2013), Salem (1977; 1991) e Sacco (2000), além de uma observação atenta para a crítica das práticas das repórteres.

### **Discussão e fundamentação teórica**

Com base na divisão realizada no Grupo de Pesquisa *Resto*, abordamos a partir daqui, as três linhas em uma única discussão, a fim de entrelaçar temas tão importantes para esta área e ainda fazer um exercício de reflexão sobre como se constituem os processos jornalísticos. Portanto, subdividimos em três temáticas para facilitar a compreensão em torno desses processos. Essa abordagem será realizada por subtítulos, a fim de compreendermos cada uma delas de forma mais aprofundada.

### **Procedimentos e rotinas jornalísticas**

Nesse estudo, analisamos os procedimentos e práticas adotados por jornalistas no processo de narrar. Dessa forma, percorremos três pontos permeados nessa pesquisa: a) estudo sobre o tema e a preparação para entrar nas áreas de conflito da Palestina feitas pelos autores, b) a seleção das fontes,

<sup>2</sup> Docentes e discentes do *Resto – Laboratório de Práticas Jornalísticas* dedicaram-se a analisar questões importantes ao Jornalismo, divididos em grupos: (1) procedimentos e rotinas; (2) crítica das práticas jornalísticas, e (3) experiência. A pesquisa originou três artigos que, partindo dos mesmos livros, seguem em direções variadas, porém complementares. Nesta reflexão estamos unindo estas três abordagens.

e c) as escolhas no momento de organizar o material obtido e começar a escrever.

Nesse caminhar, nosso subsídio são os livros *Viagem à Palestina: prisão a céu aberto*, de Adriana Mabilia (2013) e duas obras de Helena Salem: *Entre Árabes e Judeus* (1991) e *Palestinos, os novos judeus* (1977). Além desses, também observamos o livro *Palestina: uma nação ocupada*, de Joe Sacco (2000), no qual a linguagem é a do jornalismo em quadrinhos.

Apesar da diferente temporalidade de escrita de cada livro, há muito em comum nos procedimentos adotados pelos repórteres para cobrir o conflito. Nesse primeiro momento de preparação e estudo das jornalistas e Sacco, Helena Salem, por exemplo, estava licenciada do Jornal do Brasil onde atuava como especialista em assuntos do Oriente Médio. Mas, mesmo assim, negocou para fazer uma série de matérias sobre o conflito. “Depois, pensava talvez em escrever um livro, dependendo do material que recolhesse” (SALEM, 1977, p.1), afirma. Então, pela proximidade desse assunto a jornalista questiona: “Como a maioria das pessoas, encarava esse conflito com perplexidade e uma certa incompreensão. Por que, na realidade, eles brigavam tanto? De onde vinha tanto antagonismo?”(SALEM, 1991, p.11). Dessa forma, sua análise envolveu fontes históricas e documentais que a possibilitaram explicar de maneira aprofundada o conflito.

O estudo sobre o conflito também foi o que motivou Joe Sacco a escrever seu livro de jornalismo em quadrinhos sobre a Palestina. O autor cita a leitura de Noam Chomsky como inspiração para se aprofundar na questão e mostrar o ponto de vista dos palestinos. A partir dessas questões, o jornalista se preocupa em ver o conflito, mas, além disso, entender o quanto este significa para as pessoas.

Nessa perspectiva, outra jornalista e especialista nesse assunto, Adriana Mabilia, também conta as histórias de vida dos que vivem nesses ambientes, mas escolhe um outro viés, o de mostrar o papel das mulheres. Em depoimento ao Grupo de Pesquisa, Mabilia (2015)<sup>3</sup> revela que escolheu as mulheres por serem fontes silenciadas pela mídia: “A falta de informações sobre as palestinas foi justamente um dos motivos que me levou a ir para lá para coletar material e

<sup>3</sup> Mabilia concedeu entrevista por e-mail ao *Resto*, detalhando alguns aspectos da construção do livro.

ter um registro sobre essas mulheres". Na sua pesquisa, Mabilia percebeu que as mulheres não são mostradas na imprensa brasileira sobre o viés do conflito. Logo, resolve partir desse estudo.

A experiência das autoras e Sacco nos mostra que a produção de material jornalístico de profundidade inicia com leitura e pesquisa sobre o tema. Além desse processo, outra etapa abordada por ambos é a escolha das fontes. Elas propiciam ao jornalista o entendimento sob várias das questões em aberto na situação que se propõem a narrar. Nesse segundo momento, as autoras e Sacco fazem uma escolha por não reproduzir a estrutura de poder existente no conflito árabe-israelense. Reis, ministros e líderes políticos são ouvidos, mas Salem, Mabilia e Sacco não os consideram como fontes principais, justamente por sua notoriedade social. As autoras e Sacco perpassam por outros caminhos, optando por ouvir fontes que geralmente são silenciadas no discurso jornalístico.<sup>4</sup> Segundo Berger e Marocco (2014), essas fontes são as pouco reconhecidas publicamente e exigem mais tempo para localização e apuração. Assim, Salem, Mabilia e Sacco ouvem e abrem espaço para as fontes "testemunhais",<sup>5</sup> que são as que vivenciam o conflito.

A exemplo disso, percebemos a direção de Salem (1977) quando vai de encontro com as fontes testemunhais: "Acalmada a situação no Egito, a próxima etapa de minha viagem foi o Líbano. Objetivo: travar contato com os palestinos, parte fundamental de todo o conflito. Em Beirute, pela primeira vez, visitei campos de refugiados palestinos" (SALEM, 1977, p. 5). Nesse aspecto, Salem escolhe os refugiados palestinos como fontes desse trabalho. Já Mabilia revela que havia feito contato prévio com palestinos para conseguir o contato com essas fontes na Palestina: "Antes de viajar para Palestina, conversei pessoalmente, por telefone e por e-mail com muitos palestinos e filhos de palestinos que vivem no Brasil" (MABILIA, 2013, p. 59).

Acerca disso, assim como as autoras, Sacco também entrevista pessoas que vivem o "real" e, que estão a mercê daquela realidade, de todas as consequências ali encontradas, naquele momento, no presente. Encontramos

<sup>4</sup> Nesse espaço, o jornalismo tradicional seleciona as fontes oficiais, ou seja, as que têm maior credibilidade/notoriedade social para construir a narrativa.

<sup>5</sup> O trabalho de encontrar essas fontes demanda tempo, por isso o estudo e apuração das jornalistas e Sacco foram fundamentais nesse processo.

no trecho contribuições desse aspecto: “Semanas depois, no campo de refugiados Jabalia, conheci um velho palestino que me contou do lar que deixou em 1948, depois que Israel declarou independência e os exércitos árabes invadiram” (SACCO, 2000, p. 15). Sacco ia até a casa das pessoas e vivenciava de perto aquela realidade. Percebia as dificuldades quando percorria as ruas e conhecia histórias. Via na própria expressão facial o sofrimento dos refugiados diante aquela situação de guerra. Salem, Mabilia e Sacco têm a preocupação de caracterizar as suas fontes: contextualizar o ambiente em que vivem, suas histórias de vida e a importância delas para a narrativa a ser construída.

Nesse último processo que se trata das direções a seguir depois do material coletado, constatamos que para a realização que envolve a preparação e o estudo sobre o tema, e o contato com as fontes há diferentes procedimentos adotados pelas jornalistas e Sacco: uso de equipamentos, gravadores, blocos de notas, fotografias são alguns métodos em que no final do trabalho, na hora de selecionar o material e começar a escrever, o jornalista precisa fazer escolhas. Como exemplo, podemos citar Mabilia quando expressa “Não estou aqui para julgar, promover, defender ou denegrir nenhum dos lados. Estou aqui como repórter, para mostrar o que acontece com o povo que vive sob ocupação de outra nação há cerca de sessenta anos. É uma reportagem” (MABÍLIA, 2013, p. 186). Assim, Mabilia tenta desconstruir a ideia de que Israel e Palestina são duas forças iguais. Helena Salem também deixa claro seu posicionamento [...] procuro analisar a situação dos refugiados e da Resistência palestina, como vivem e o que pensam concretamente, as dificuldades de sua luta, utilizando para tanto parte do farto material que recolhi na região. [...] (SALEM, 1977, p. 11).

Nessa perspectiva, as autoras mostram a direção que objetivam suas escolhas. Sacco segue a mesma ideia. De acordo com o relato de uma mulher que Sacco entrevistou percebemos uma de suas escolhas. “E se você é um dos um-em-dez ou um-em-cem jornalistas que quer contar a verdade sobre a Palestina, saiba que não será publicada porque os judeus são donos dos jornais, são donos de tudo nos Estados Unidos” (SACCO, 2000, p. 126). Desse depoimento, Sacco dá voz a uma mulher que, até então, era negada.

O percurso observado nas obras das autoras e Sacco nos indicam caminhos sobre as práticas jornalísticas concebidas a partir do trabalho de

pesquisa e estudo do tema, a preparação desses profissionais nesses locais de conflitos, a seleção das fontes e as escolhas que tencionam o modo de produzir a narrativas. É nesses espaços de narrar, como os livros, que a atividade jornalística pode mostrar seu outro lado, como aqui, o outro lado do conflito. Portanto, para que todo esse trabalho de observação dos procedimentos jornalísticos seja possível, é necessário ter um olhar voltado para a prática dos profissionais. É isso que observamos no item a seguir.

### **Crítica das práticas jornalísticas na reflexão de jornalistas brasileiras**

A partir dos conceitos de crítica das práticas jornalísticas (BERGER; MAROCO, 2014) em “livros de repórter” (MARROCO, 2011), neste tópico, são analisadas as obras de Helena Salem, *Palestinos, os novos judeus* (1977) e de Adriana Mabilia, *Viagem à Palestina: prisão a céu aberto* (2013). Em vista disso, traçamos um caminho, no interior do sistema jornalístico, de reflexão em torno de uma autocrítica, elaborada pelas autoras, dos seus modos de narrar durante a cobertura internacional da Palestina.

Por esse viés, considerando as características, a ambiência e as dificuldades do Jornalismo Internacional e compreendendo as obras das autoras como um espaço para refletir as práticas, observamos três pontos da crítica que é permeada pelas práticas: a) a crítica à cobertura internacional nos livros de repórter; b) a crítica das fontes a cobertura jornalística sobre a Palestina e c) a crítica como reflexão da própria prática elaborada pelas autoras das obras aqui estudadas.

Sendo assim, na observação crítica do Jornalismo Internacional, este que tem como principal objetivo informar sobre o que acontece no mundo, percebemos uma falha das agências de notícias, suas principais fontes, visto que estas realizam um processo de edição e a informação chega aos jornais sem apresentar a realidade legítima da Palestina. Nesse sentido, Adriana Mabilia faz uma crítica reflexiva sobre essa prática: “Não há como negar fatos. Por mais que os poderosos tenham mais acesso à mídia, à propaganda, e com isso tenham instrumentos para manipular e distorcer informações, o que aconteceu ninguém muda e a verdade aparece.” (MABILIA, 2013, p. 202).

Mabilia e Salem, afirmam que é necessário ouvir e contrastar os lados de uma história e que esse exercício é dever do jornalista. No entanto, optam pela abordagem de um dos lados, com o objetivo de retratar o que não é relatado pelas mídias e é desconhecido no mundo, a realidade palestina. Assim, para retratar uma realidade, a observação e até mesmo a vivência dos fatos, resultam em um entendimento mais aprofundado da realidade.

Além disso, nas coberturas internacionais percebemos outras dificuldades. Uma delas é a distância do objeto de notícia, que pode fazer com que os meios informativos utilizem as informações de outros jornais como meio de apuração ou, até mesmo, como fonte de informação. O processo de edição é outro fator a influenciar as notícias, por conta do curto limite de tempo e a urgência na divulgação dos fatos. Em *Palestina, os novos judeus*, Helena Salem faz uma crítica às rotinas produtivas dos meios de informação e seus posicionamentos: “a imprensa ocidental apressa-se em demonstrar indignação com os atos terroristas palestinos, mas não se preocupa em informar sobre as condições que propiciam essa violência”. Sendo assim, esses processos jornalísticos fazem com a informação seja comprometida, e a real situação da Palestina não seja revelada.

Além de trazerem as próprias críticas sobre os meios informativos, Adriana Mabilia e Helena Salem dão oportunidade aos Palestinos para falarem sobre a realidade do conflito em que vivem e do modo com que o jornalismo narra esses processos. Na abordagem da crítica das fontes à cobertura jornalística sobre a Palestina, as autoras mencionam como sentem-se os Palestinos por não serem ouvidos e não terem a sua realidade retratada pelas agências de notícia. Salem, ao ir num campo de refugiados no Líbano, ouve o apelo do Sr. Skander<sup>6</sup> “Por favor, diga a seu povo tudo que você viu”, e seu agradecimento: “Obrigado por contar ao seu povo sobre a gente” (SALEM, 1977, p 47).

Após a abordagem da crítica das autoras e dos Palestinos sobre o modo em que o jornalismo é feito, tratamos da crítica como reflexão da própria prática, elaborada pelas autoras considerando o seu próprio fazer. Ao abordar os

---

<sup>6</sup> Sr. Skander é um Palestino, proprietário de uma pequena loja comercial, que vive nos campos de refugiados e participa uma conversa com Salem.

Palestinos, que vivem uma realidade de conflito e se deparar com diversas situações delicadas Mabilia, no decorrer de seu texto, faz críticas sobre o seu próprio fazer: “é óbvio que minha pergunta foi mal elaborada” (p. 47); “estou levando essas pessoas a mexer em feridas ainda abertas e isso dói” (p. 166). Dessa maneira, deixa claro o que sente ao realizar as entrevistas e a crítica a si mesma diante das respostas dos entrevistados.

Dessa forma, percebemos que ambos os livros, por meio de uma ação crítica, discutem de maneira semelhante a questão do conflito e o jornalismo. As obras, trazem a crítica das autoras e das fontes palestinas, com relação ao modo de fazer jornalismo, além da crítica elaborada pelas autoras sobre o seu próprio fazer. Além disso, os relatos apresentados em *Palestina, os novos judeus* e *Viagem à Palestina: prisão a céu aberto*, normalmente não são vistos nos veículos de comunicação. Porém, as obras, assim como os meio de comunicação, se apropriam de um lado do conflito e relatam uma realidade que a cobertura jornalística tradicional não descreve, o conflito vivido pelos palestinos a partir deles mesmos. No próximo tópico, trataremos das experiências que essas duas repórteres brasileiras tiveram nos conflitos da Palestina.

### **A experiência de duas repórteres brasileiras na Palestina**

Quanto à experiência, discutimos a produção jornalística de Adriana Mabilia e Helena Salem, sob forma de narrativa. Nessa perspectiva, de acordo com Carvalho (2012, p. 171), “se aquilo que se narra é ontologicamente marcado, podemos, portanto, sempre encontrar marcas do social, do cultural, do econômico, enfim, do ambiente mais amplo em que se inscreve cada narrativa posta em circulação”. Assim, tomamos a experiência como o centro para tecer considerações sobre a figura do jornalista, o seu fazer e dizer por meio das obras.

Nessa esteira, ao analisarmos os livros de repórter, verificamos que é preciso ir além da apuração e da escrita, por isso tomamos a experiência como fundamental para a construção da narrativa. Desse modo, nos imbuímos da ideia de Gagnebin (2010), em nomear os “cacos” e “migalhas” como objeto de interesse, para que assim, seja possível realizar uma breve sondagem das

práticas das jornalistas em suas obras e examinar rastros da experiência de cada autora, materializadas na narrativa. Para esse exercício, tomamos três caminhos: a) a visão como mulher das jornalista; b) a identificação com a causa palestina e c) o posicionamento enquanto profissionais<sup>7</sup>.

Em diferentes momentos, Adriana Mabilia e Helena Salem vão ao Oriente Médio conhecer uma realidade que antes haviam estudado apenas na teoria. Ambas, sozinhas e sem referências da que iriam encontrar pelo caminho, foram consideradas alvo fácil (por serem mulheres) e passaram por situações de perigo. Mabilia já relata no início de sua obra, que foi observada por um homem ao chegar no aeroporto internacional de Tel Aviv. “Claro, eu sou a vítima perfeita: mulher, sozinha, com aparência de ocidental, logo, estou distante de casa, vulnerável. Só consigo pensar que estou perdida, mesmo” (MABILIA, 2003, p.17-18).

De acordo com Salem (1977) em suas experiências, viajar sozinha em uma realidade até então desconhecida e em que a mulher sofre preconceito, foi um grande desafio. Além disso, a questão feminina também fica evidente na narrativa de Adriana Mabilia, pois ela busca por fontes femininas, para dar voz ao que no Jornalismo Internacional é fonte raras vezes. Desse modo, a partir dos relatos e experiências, é possível uma relação com as problemáticas de gênero na sociedade<sup>8</sup> local, visto que as mulheres enfrentavam a guerra, a ocupação e ainda, o patriarcado.

Antes de Mabilia, na década de 1970, Helena Salem também escreve sobre a condição feminina no contexto social da Palestina e por meio da narrativa, fala sobre a miséria, realidade em muitos países do Oriente Médio. Quanto à identificação com a causa palestina, Salem, em 1977, faz uma reconstrução da relação entre árabes e judeus na Europa e no Ocidente Médio. Em 2013, Mabilia dedicou-se a fazer uma análise maior da realidade social e geográfica, com relatos sobre o limite à liberdade de um povo, que sofre com o processo de fechamento e o conflito. Nessa análise, percebemos a clareza com

<sup>7</sup> Essa abordagem se deve ao fato de ter pouca informação sobre as mulheres na mídia, partilhando de uma identificação com as mulheres e com a causa da Palestina e ainda, reafirmando posicionamentos e marcas deixadas na narrativa enquanto jornalistas.

<sup>8</sup> Em entrevista ao *Resto*, Mabilia conta sobre sua motivação: “Eu parti para a Palestina com uma ideia concebida: contar a história da Palestina por meio de histórias de mulheres. E de fato isso foi feito. Não foi um acaso.

que as autoras tecem uma narrativa que toma o leitor pela mão e assim, o conduz ao contexto vivenciado por elas.

Em suas narrativas, notamos a importância da informação para que seja possível uma mudança local, por meio da partilha de uma experiência de mundo que combina diferentes contextos e que por isso, exige um compartilhamento com os leitores para que estes compreendam as questões que identificam a narrativa de cada uma. As escolhas das autoras pelo modo de narrar e busca por um conhecimento na prática, estabelecem também um modo de fazer jornalismo. Nesse sentido, é possível identificar a aproximação que as autoras possuem com o contexto histórico e social, por meio de relatos e experiências, impressões e procedimentos jornalísticos.

No que tange aos procedimentos jornalísticos da narrativa e da experiência, a visão como mulher de Mabilia e Salem aparece quando optam por dar voz às mulheres e trazê-las como fontes. Para que isso fosse possível foi necessária uma identificação com a causa e com o contexto. Salem se dedicou a reconstrução de um histórico da relação entre árabes e judeus, relembrando a segregação cultural sofrida por estes, em comparação com a evacuação pelo povo palestino depois da chegada daqueles. Mabilia analisou mais a fundo a realidade social do povo palestino, demarcando o território como uma “ prisão a céu aberto”. Em relação ao posicionamento das jornalistas, ambas partem de um objetivo em comum: escrever um livro sobre a Palestina, região de conflitos, e dessa forma, demarcam uma aproximação com o povo e também, com o lugar.

Por isso, o modo de narrar deixa claro alguns posicionamentos enquanto jornalistas. Helena Salem (1977), utiliza-se da experiência e procedimentos nomeando pessoas, fontes de pesquisa e lugares por onde passou. Da mesma forma, Mabilia revela processualidades no seu trabalho e destaca a dificuldade de manter-se isenta com os fatos e o modo de narrar. Portanto, a experiência vivida tem relação direta com a experiência jornalística, sendo a narrativa uma maneira de experimentar o mundo, pois como lembra Motta (2013), é no cotidiano que as realidades são filtradas.

## Resultados

Tendo como horizonte empírico os livros *Viagem à Palestina*, de Adriana Mabília (2013), *Entre árabes e judeus* (1991) e *Palestinos, os novos judeus* (1977) de Helena Salem, e *Palestina: uma nação ocupada* (2011) de Joe Sacco, brevemente aqui registrados, consideramos que esse percurso reinstala o compromisso do jornalismo com uma “linguagem por fazer”, conforme Michel de Certeau (2000). Por meio das análises realizadas, observamos o movimento de construção da narrativa a partir de um “outro lugar”, os “Livros de Repórteres” (MAROCCHI, 2011).

Primeiramente abordamos o relato de procedimentos de apuração, a forma com que trabalham com as fontes documentais e o estatuto de fontes/personagens, que permite encontrar-se com o campo jornalístico fazendo considerações sobre os seus contornos. Desse modo, a experiência partilhada mostra o que faz possível a escrita que se materializa nas obras, possibilitando uma aproximação do leitor com a realidade da Palestina e em especial, das vivências dos personagens apresentados.

Ao analisarmos os aspectos dos procedimentos jornalísticos, percebemos o quanto esse “fazer jornalístico” permite um outro modo de narrar, diferente do jornalismo diário. Nesse sentido, a aproximação do contexto do “fazer”, provoca reflexões e entendimentos mais profundos da realidade retratada. Dessa forma, a compreensão dos procedimentos aqui analisados, é uma alternativa para mostrar o que há por trás da experiência, os bastidores, as construções e escolhas do modo de narrar, que muitas vezes não são abordadas no noticiário e passam despercebidos pelos leitores. Assim, perceber essas escolhas, nos ajuda a refletir nas escolhas que nós, leitores, também somos levados a tomar.

Levando em consideração os procedimentos, as autoras elaboram um processo de crítica das práticas jornalísticas. Trazem a crítica ao Jornalismo e à cobertura internacional de conflitos, a crítica trazida pelas fontes, e a autocrítica das repórteres se dão devido ao modo de produção da cobertura internacional. Esse modo, conta com escassos investimentos, pouca presença de repórteres, apuração a distância, apropriação de relatos de outros meios, desaparecimento de postos de vista devido ao posicionamento dos veículos ou ao curto espaço e

tempo, ausência de fontes femininas, relatos de questões delicadas pera os entrevistados e a substituição das fontes que vivem a realidade por fontes de autoridade. Mabilia e Salem, relatam uma realidade que a cobertura jornalística tradicional não descreve, e buscam por meio de suas obras, mostrar o conflito vivido pelos Palestinos a partir deles mesmos.

Interligada aos procedimentos e à crítica das práticas jornalística, a abordagem da experiência enquanto narrativa que permeia o jornalismo e especialmente, os “Livros de repórter” (MARROCO, 2011), torna-se resultado de duas percepções. Primeiro, permite uma compreensão das disputas de sentido no texto e depois, uma possibilidade de redescobrir as potencialidade do relato, que se situa em determinado tempo e espaço, centro de encontro de riquezas da nossa experiência no mundo.

Percebemos aspectos do narrar jornalístico, as suas marcas e procedimentos, os modos de ação e relato, que demarcam a liberdade na escrita. Ainda, destacamos o esforço das repórteres em materializar a narrativa jornalística, próxima às complexidades encontradas nas experiências. Com isso, o autor se insere no texto e por meio de relatos, entende a realidade de conflito, ocupação e descaso com a comunidade.

Essa observação foi fruto de uma leitura atenta e aproximada dos livros, buscando neles as pistas para compor as observações e tentando alcançar o que a narrativa revela sobre a processualidade de narrar. Além de responder à inquietações específicas sobre as particularidades de cada obra e, ao mesmo tempo, mostrar a produtividade, via o conceito de “livros de repórter” para pensar breves impactos de tais obras, fruto do trabalho interpretativo e crítico dos sujeitos jornalistas, para o debate sobre os contornos e fazeres do próprio campo e a esfera de reverberações possíveis dessas narrativas.

## Referências

BERGER, C.; MAROCCHI, B. Fonte. In: MARCONDES FILHO, Ciro. **Dicionário da comunicação**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2014. p. 199-200.

CARVALHO, C. A. Entendendo as narrativas jornalísticas a partir da tríplice mimese proposta por Paul Ricoeur. **Matrizes**, São Paulo, v.6, n.1-2, 2012. Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/261>. Acesso em: 5 mar. 2015.

GAGNEBIN, J. M. **História e narração em Walter Benjamin.** 5 reimpr. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MABILIA, A. **Entrevista** concedida ao Resto – Laboratório de Práticas Jornalísticas (CNPq/UFSM), nov. 2014.

MABILIA, A. **Viagem à Palestina:** prisão a céu aberto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. 223 p.

SCHWAAB, R. **Entrevista** concedida ao Resto - Laboratório de Práticas Jornalísticas (CNPq/UFSM), maio. 2016.

SACCO, J. **Palestina:** uma nação ocupada. São Paulo: Conrad, 2000.

SALEM, H. **Entre árabes e judeus:** uma reportagem de vida. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

\_\_\_\_\_. Palestinos, os novos judeus. Rio de Janeiro: Eldorado-Tijuca, 1977.

SILVA, M. V. **Masculino, o gênero do jornalismo:** modos de produção das notícias. Série Jornalismo a Rigor, v.8, Florianópolis: Insular, 2014.

MAROCCHI, B. Os “livros de repórter”, o “comentário” e as práticas jornalísticas. Revista Contracampo, Niterói, n. 22, fev. 2011, p. 116-129. Disponível em: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/86/67>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. Reportagens de ideias, uma contribuição de Foucault ao jornalismo. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.168-179, dez. 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/2649/1689>> Acesso em: 24 abr. 2015.